



OS FUNDAMENTOS DOUTRINAIS DA REALEZA SOCIAL DE CRISTO NO SERMÃO *ECCE REX TUUS VENIT* DE SANTO TOMÁS DE AQUINO* – PARTE I

Wilson Coimbra Lemke**

RESUMO – Este artigo analisa os fundamentos doutrinários da realeza social de Cristo à luz do Sermão *Ecce Rex tuus venit*, de Santo Tomás de Aquino. O presente estudo começa com um proêmio, no qual se expõe cada uma das partes que serão tratadas neste artigo. Após o proêmio, começa-se a investigar a evolução histórica da doutrina do reinado social de Cristo, desde suas origens até Santo Tomás de Aquino. Depois, passa-se a considerar a estrutura do sermão escolástico. Em seguida, expõe-se resumidamente as três partes deste Sermão (o Prólogo, o Sermão propriamente dito e a Colação da noite), segundo a ordem mesma do discurso. E termina este estudo com um epílogo, no qual se expõe o verdadeiro “horizonte” desta predicação tomista.

ABSTRACT – This article analyzes the doctrinal foundations of the social royalty of Christ in the light of the Sermon *Ecce Rex tuus venit*, by Saint Thomas Aquinas. The present study begins with a proem, in which each of the parts that will be dealt with in this article is exposed. After the proem, we begin to investigate the historical evolution of the doctrine of the social reign of Christ, from its origins to Saint Thomas Aquinas. Then, the structure of the scholastic sermon is considered. Then, the three parts of this Sermon are briefly explained (the Prologue, the Sermon itself, and the Evening Collaboration), according to the order of the speech. And this study ends with an epilogue, in which the true “horizon” of this Thomist predication is exposed.

1 – PROÊMIO

Embora a expressão *doutrina social* remonte ao Papa Pio XI¹ e designe o *corpus* doutrinal referente à sociedade que, a partir da Encíclica *Rerum novarum* do Papa Leão XIII,² desenvolveu-se na Igreja por meio de seu Magistério autêntico,³ a solicitude social certamente não se iniciou com a publicação daquele documento pontifício. Pois, a Igreja jamais deixou de se interessar pelo campo social e, na sua contínua atenção ao homem na sociedade, acumulou um rico patrimônio cultural, cujas raízes remontam às Sagradas Escrituras e que tomou forma e corpo na doutrina dos Padres da Igreja e dos grandes Doutores da Idade Média.⁴

Ora, dentre os ensinamentos contidos na doutrina social da Igreja, encontra-se o pertinente à realeza social de Cristo, que com aquela se identifica, como as duas faces de uma mesma moeda. E, conquanto se atribua à Encíclica *Quas Primas*, do Papa Pio XI, a última e máxima expressão daquele ensinamento, suas origens remontam, todavia, à bula *Unam Sanctam*, do Papa Bonifácio VIII, bem como ao opúsculo *De regno ad regem Cypri* e ao Sermão *Ecce Rex tuus venit*, ambos de Santo Tomás de Aquino.

1. Cf. PIO XI, Carta encicl. *Quadragesimo anno*: AAS 23 (1931) 179.

2. Cf. LEÃO XIII, Carta encicl. *Rerum novarum*: Acta Leonis XIII, 11 (1892) 97-144.

3. Cf. JOÃO PAULO II, Carta encicl. *Laborem exercens*, 3: AAS 73 (1981) 583-584; Id., Carta encicl. *Sollicitudo rei socialis*, 1: AAS 80 (1988) 513-514.

4. Pontifício Conselho “Justiça e Paz”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 59.

E, a fim de que as sociedades gozem largamente das preciosas vantagens de se porem sob o império de Cristo-Rei, este estudo atende ao chamado do Papa Pio XI, que, na referida encíclica, nos orienta a propagar o conhecimento da dignidade real de Nosso Salvador.

Por conseguinte, devemos tratar, aqui, da contribuição de uma obra pouco conhecida do Doutor Angélico para o desenvolvimento dessa doutrina. E a esse respeito, faz-se a seguinte pergunta: quais os fundamentos doutrinários da realeza social de Cristo à luz do Sermão *Ecce Rex tuus venit*, de Santo Tomás de Aquino?

Objetiva-se, em geral, analisar o contributo do *Doctor Catholicus* para o desenvolvimento da doutrina social da Igreja na época medieval. Ou, mais especificamente: compreender a evolução histórica da doutrina social da Igreja acerca da realeza de Cristo; explicar a estrutura básica do sermão escolástico; e analisar cada uma das três partes deste Sermão tomista.

Para tanto, utilizamos o método de abordagem dialético. Quanto ao procedimento, o método utilizado é o histórico. E, no que diz respeito às técnicas de pesquisa, trata-se de uma pesquisa teórica, com a utilização de material bibliográfico.

Estruturado em três capítulos, este artigo aborda, respectivamente: (1) a evolução histórica da doutrina social da Igreja acerca da realeza de Cristo, desde suas origens escriturísticas até sua corporificação nos ensinamentos dos Santos Padres e grandes Doutores da Idade Média; (2) a estrutura básica do sermão escolástico, também chamado de *sermo modernus*, comumente proferido por frades católicos das ordens franciscana e dominicana na época medieval; e (3) cada uma das três partes do Sermão *Ecce Rex*, de Santo Tomás de Aquino, dimensionando a sua importância e originalidade no que diz respeito à fundamentação filosófico-teológica da realeza social de Cristo.

2 – EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA DOCTRINA DO REINADO SOCIAL DE CRISTO: DAS ORIGENS A SANTO TOMÁS DE AQUINO

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para compreender, em toda sua amplitude e em seu justo valor, os fundamentos doutrinários da realeza de Cristo neste sermão de Santo Tomás de Aquino, é muito conveniente ter em conta o lugar que se lhe atribui dentro do “rico patrimônio”⁵ da doutrina social da Igreja.

A expressão “reinado social de Jesus Cristo” remonta ao sacerdote jesuíta francês, Henri Ramière (1821-1884),⁶ e designa o *corpus* doutrinário referente à perfeita conformação de toda a ordem temporal da vida pública⁷ aos ensinamentos e às leis de Cristo, que alcançou sua última e máxima expressão na Encíclica *Quas primas* (1925), de Pio XI.⁸ A doutrina da realeza social de Cristo certamente não teve início com tal documento, porque foi Cristo mesmo quem a fundou, ao dizer a seus discípulos: “Foi-Me dado todo o poder no céu e na terra”;⁹ não

5. Expressão utilizada pelo Pontifício Conselho “Justiça e Paz”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 59.

6. Na verdade, para o Pe. Ramière, não haveria nem mesmo uma doutrina optativa; mas, sim, um artigo de fé acerca da realeza social de Cristo. Eis, então, como ele formulou a sua tese: “*C’est un dogme de foi que Jésus-Christ possède une autorité souveraine sur les sociétés civiles, aussi bien que sur les individus dont elles sont composées; et, par conséquent, les sociétés, dans leur existence et leur action collective, aussi bien que les individus, dans leur conduite privée, sont tenues de se soumettre à Jésus-Christ et d’observer ses lois*”. Ramière, Henri. *Les doctrines romaines sur le libéralisme envisagées dans leurs rapports avec le dogme chrétien et avec les besoins des sociétés modernes*. Paris: Librairie Jacques Lecoq, 1870, p. 40. Outro lugar: Ramière, Henri. *La soberanía social de Jesucristo ó las doctrinas de Roma acerca el liberalismo en sus relaciones con el dogma cristiano y las necesidades de las sociedades modernas*. Barcelona: Librería de la Viuda é Hijos de J. Subirana, 1875, p. 120.

7. Quer dizer, as famílias, os grupos sociais, os sindicatos, as empresas, as nações, e o mundo internacional.

8. PAPA PIO XI. *Carta Encíclica Quas Primas do Papa Pio XI*. Tradução de Renato Romano. Belo Horizonte: Edições Cristo Rei, 2019.

9. Mt 28, 18. Para esta e todas as demais citações bíblicas, utilizamos como base a seguinte tradução: Bíblia Sagrada. Nova Edição Papal. Traduzida das Línguas originais com uso Crítico de Todas as Fontes Antigas pelos Missionários Capuchinhos Lisboa. Charlotte: Stampley Enterprises, 1974.

obstante a Encíclica *Quas primas* seja, antes de tudo, a “Carta Magna da Cristandade”¹⁰ – para utilizar, aqui, a feliz expressão do professor Carlos Nougué.

E, no seu contínuo anseio de que a sociedade goze largamente das preciosas vantagens de se ordenar essencialmente ao império de Cristo e que as conserve para sempre, a Igreja (ou seja, o *Seu corpus mysticum*)¹¹ acumulou um rico patrimônio doutrinal, que se encontra enraizado na Sagrada Escritura, especialmente no Evangelho,¹² e corporificada na doutrina dos Santos Padres e dos grandes Doutores medievais, constituindo uma doutrina a qual, mesmo antes de pronunciamentos magisteriais explícitos e diretos a seu respeito,¹³ a Igreja foi paulatinamente reconhecendo.

2.2 A REALEZA SOCIAL DE CRISTO SEGUNDO AS SAGRADAS ESCRITURAS

Por conseguinte, devemos tratar, primeiro, dos fundamentos bíblicos e, segundo, dos doutrinários. Quanto aos fundamentos bíblicos, devemos considerá-los, primeiro, à luz do Antigo Testamento e, depois, à luz do Novo Testamento.

E, sobre os principais fundamentos veterotestamentários¹⁴ da realza social de Cristo, devemos considerá-los conforme o gênero lite-

10. Cf., por exemplo, Nougué, Carlos. *Notícia Histórica da Doutrina Social da Igreja*. In: Nougué, Carlos. *Estudos Tomistas: Opúsculos II*. Formosa: Edições Santo Tomás, 2020, p. 372.

11. Sobre a doutrina do Corpo Místico de Cristo, cf. Papa Pio XII. *Mystici corporis: Carta Encíclica de sua Santidade o Papa Pio XII sobre o Corpo Místico de Jesus Cristo e a nossa união nele com Cristo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1965.

12. Veja-se, por exemplo, notas 3 e 12.

13. Cf. LEÃO XIII, Carta enc. *Annum sacrum*: ASS 31 (1898-1899) 647; e Pio XI, Carta enc. *Quas primas*: AAS 17 (1925) 593-610.

14. Relativos ao Antigo Testamento, ou seja, aos livros que, no Cristianismo, correspondem à primeira parte da Sagrada Escritura e contam a história da criação do mundo até à vinda de Jesus Cristo, o Messias.

rário que neles predomina. Primeiro, o histórico. Segundo, o didático. Terceiro, o profético¹⁵.

O fundamento *histórico* encontra-se, primeiro, no Livro de Gênesis e, depois, no Livro de Números. Já no primeiro livro das Sagradas Escrituras, lemos a seguinte profecia de Jacob: “O cetro não escapará a Judá, nem a autoridade à sua descendência, até à vinda do Pacífico, ao qual os povos obedecerão”¹⁶, referindo-se, aqui, à paz messiânica, ao Rei pacífico por excelência, ou seja, a Cristo mesmo.¹⁷ E, depois, no Livro de Números, confirma-se a realeza social de Cristo, quando Balaam profere, assim, o seu oráculo: “Sim, de Jacob nascerá um dominador, que varrerá os derradeiros habitantes das Cidades”,¹⁸ entendendo-se por “dominador” o Rei-Messias. O fundamento *didático* encontra-se, sobretudo, no Livro dos Salmos, quando o salmista canta o domínio universal de Deus por meio do seu unguido (Messias), dizendo:

Fui eu quem estabeleceu o meu rei sobre Sião, o meu monte santo! Divulguei o decreto do Senhor. Ele disse-me: “Tu és meu filho, hoje mesmo te gerei. Pede-me e eu te darei as nações por herança e os confins da terra por domínio”. Quebrá-las-ás com cetro de ferro, serão desfeitas como um vaso de argila.¹⁹

Ou, ainda, quando o salmista retrata o “Rei vindouro” de Israel com traços de um soberano opulento e poderoso, dizendo: “O teu trono, como o trono de Deus, é para sempre. Cetro de Justiça é o cetro do teu reino”.²⁰ E, também, quando Salomão, orando pelo Rei ideal, profere as seguintes palavras: “Em seus dias florescerá a justiça, grande será a paz, duradoira como a lua. Dominará de um a outro mar, des-

15. Trata-se, portanto, de fundamentos que partem da Revelação bíblica, e não da especulação filosófica.

16. Gn 49, 10.

17. Cf. Is 9, 6-6; 11, 3-9; Zac 9, 10.

18. Nm 24, 19.

19. Sl 2, 6-8.

20. Sl 44, 7.

de o grande rio até os confins da terra”²¹, predizendo, assim, que Seu reino desconhecerá fronteiras e desfrutará os tesouros de justiça e paz. A esses dois fundamentos, junta-se um terceiro, o *profético*, que se encontra, basicamente, lançado em quatro livros. Primeiro, no Livro de Isaías, quando se profetiza a vinda do Rei-Messias, dizendo:

Porquanto um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado; tem a soberania sobre os seus ombros, e este é o seu nome: Conselheiro-Admirável, Deus-Poderoso, Pai-Eterno, Príncipe da Paz. Dilatado é o seu império, com uma paz sem limites, sobre o trono de David e sobre o seu reino. Ele o estabelece e mantém com o direito e com a justiça, desde agora e para sempre.²²

Segundo, no Livro de Jeremias, quando se prenuncia a descendência de David, profetizando: “Dias virão – oráculo do Senhor – em que farei brotar de David um rebento justo que será rei, governará com sabedoria e exercerá no país o direito e a justiça”.²³ Terceiro, no Livro de Daniel, quando o Profeta prediz a constituição divina de um reino indestrutível e soberano, com tais palavras: “No tempo destes reis, o Deus dos céus fará aparecer um reino que jamais será destruído e cuja soberania nunca passará a outro povo: Esmagará e aniquilará todos os outros, enquanto Ele subsistirá para sempre”²⁴. E, mais adiante, acrescenta:

Contemplando sempre a visão noturna, vi aproximar-se, sobre as nuvens do céu, um ser semelhante a um Filho do homem. Avançou até ao ancião, diante do qual o conduziram. Foram-lhe dadas soberanias, glória e realeza. Todos os povos, todas as nações e as gentes de todas as línguas o serviram. O Seu império é um império eterno que não passará jamais, e o Seu reino nunca será destruído.²⁵

21. Sl 71, 7-8.

22. Is 9, 6-7

23. Jr 23, 5.

24. Dn 2, 44.

25. Dn 7, 13-14.

E, quarto, no Livro de Zacarias, quando se profetiza a Sua entrada em Jerusalém, dizendo: “Exulta de alegria, filha de Sião! Solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti: ele é justo e vitorioso, humilde, montado num jumento, sobre um jumentinho, filho de uma jumenta”.²⁶ É, aliás, desta profecia que trata o *Sermão Ecce Rex tuus venit*, de Santo Tomás de Aquino, quando o *Magister in Sacra Pagina* comenta aquela passagem do Evangelho²⁷ a que ela se refere.

Estes são alguns dos textos mais significativos, que enunciam a realeza do Messias-Rei.²⁸ No entanto, manifestações menores dessa vontade divina em relação ao governo do mundo estão espalhadas por todo o Antigo Testamento, desde os livros de Noé até os dos Patriarcas, Juízes, Reis e Sacerdotes.²⁹

Em seguida, devemos tratar dos principais fundamentos neotestamentários³⁰ da realeza social de Cristo. E, estes, também, se dividem em três gêneros. Primeiro, o histórico. Segundo, o didático. Terceiro, o profético.

O fundamento *histórico* encontra-se, principalmente, nos Evangelhos. Antes de tudo, quando o anjo Gabriel anuncia à virgem Maria que esta dará luz à um Filho, ao qual, diz ele: “O Senhor Deus dar-Lhe-á o trono de Seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o Seu reinado não terá fim”.³¹ E, depois, quando o próprio Cristo testemunha a respeito de sua soberania. E, isto, em três momentos di-

26. Zc 9, 9.

27. Mt 21, 5.

28. Para uma listagem mais completa, cf. Díaz Araujo, Enrique. *América, la bien donada. Primera Parte: La realeza de Cristo y la potestad Papal. Bases teológicas de la donación americana*. Guadalajara: folia universitaria, 2006, v. 1. p. 28-31. Resta esclarecer, todavia, que, do ponto de vista cristão, esses textos mantêm toda a sua força cogente, resultando inaceitável a objeção que os relega a segundo plano por serem verotestamentários. (cf. Mt 5, 17).

29. Cf., Os 8, 4; 1 Rs 8, 7.

30. Relativos ao Novo Testamento, ou seja, aos livros que, no Cristianismo, correspondem à segunda parte da Sagrada Escritura e contam a história do nascimento de Jesus Cristo, o Messias, até o fim dos tempos.

31. Lc 1, 32-33

ferentes. Primeiro, em seu último discurso escatológico, quando fala ao povo sobre a vinda do Rei-Messias no fim dos tempos, dizendo:

Quando o Filho do Homem vier na Sua glória, acompanhado por todos os Seus anjos, sentar-Se-á, então, no Seu trono de glória. Perante Ele reunir-se-ão todas as nações e Ele apartará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. À Sua direita, porá as ovelhas, e à Sua esquerda, os cabritos. O Rei dirá, então, aos da Sua direita: “Vinde, benditos do Meu Pai, recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e recolhestes-Me; estava nu e destes-Me de vestir; adoeci e visitaste-Me; estava na prisão e fostes Comigo”. Então, os justos responder-Lhe-ão: “Senhor, quando foi que Te vimos com fome e Te demos de comer, ou com sede e Te demos de beber? Quando Te vimos peregrino e Te recolhemos, ou nu e Te vestimos? E quando Te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-Te?” E o Rei dir-lhes-á em resposta: “Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes”.³²

Segundo, quando Pilatos Lhe pergunta se era rei, e Jesus o responde: “Tu o dizes! Eu sou Rei! Para isso nasci e para isto vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a Minha voz”.³³ Terceiro, depois de Sua ressurreição, quando confia aos Apóstolos a missão universal de instruírem e batizarem todas as nações, dizendo-lhes: “Foi-Me dado todo o poder no céu e na terra”.³⁴ O fundamento *didático* encontra-se, por exemplo, na 1ª Carta aos Coríntios, quando o Apóstolo Paulo diz: “É necessário que Ele reine, ‘até que haja posto todos os inimigos debaixo dos Seus pés’”;³⁵ ou, ainda, na Carta aos Hebreus, quando o mesmo Apóstolo se refere a Cristo como “a Quem [Deus] constituiu herdeiro de tudo”.³⁶ A esses

32. Mt 25, 31-40.

33. Jo 18, 37.

34. Mt 28, 18.

35. 1 Cor 15, 25.

36. Hb 1, 1.

dois fundamentos, junta-se um terceiro, o *profético*, que se encontra no Livro de Apocalipse, quando o Apóstolo João se dirige às sete Igrejas da Ásia como vindo da parte d'Aquele que é "o Príncipe dos reis da terra";³⁷ ou, ainda, quando diz, profeticamente, acerca do próprio Cristo, que: "Sobre o Seu manto e sobre Sua coxa, um nome está escrito: Rei dos reis e Senhor dos senhores"³⁸, apenas para citar alguns exemplos.

Pela simples leitura desses textos das Sagradas Escrituras se extraem certas conclusões sobre o Reino de Cristo, que podem ser assim enunciadas: (1) o seu âmbito geográfico é todo o mundo, todas as nações; (2) o seu âmbito demográfico são todos os homens e todos os povos; (3) o seu âmbito cronológico tem começo no sólio da casa do rei Davi, quando da Encarnação do Verbo Divino, e se estende com a Ressurreição de Cristo por toda a eternidade; (4) o seu âmbito natural abarca toda a criação, absolutamente tudo, inclusive toda a natureza criada e, com maior razão, toda a pessoa humana, em sua alma e em seu corpo.

2.3 A REALEZA SOCIAL DE CRISTO SEGUNDO A DOCTRINA DOS SANTOS PADRES

Em seguida, devemos tratar dos fundamentos doutrinários da realeza social de Cristo. Primeiro, daqueles corporificados na doutrina dos Padres da Igreja. Segundo, na doutrina dos grandes Doutores medievais até Santo Tomás de Aquino.

Ora, os principais fundamentos doutrinários da realeza social de Cristo, que ganharam forma e corpo na doutrina dos Santos Padres, estão reunidos na *Catena Aurea*, de Santo Tomás. Por onde, devemos tratá-los, aqui, segundo a ordem expositiva ou comentarista dos textos dos Evangelhos. Ora, dos quatro evangelistas, Mateus foi quem se propôs apresentar-nos Cristo como Rei. Por onde devemos tratar, aqui, especificamente dos textos patrísticos referentes à doutrina da realeza social de Cristo no Evangelho de São Mateus.

37. Ap 1, 5.

38. Ap 19, 16.

E, abrindo a exposição desse Evangelho, Pseudo-Crisóstomo³⁹ diz que Cristo foi chamado filho de Abraão e de Davi, para que a tripla dignidade de ambos (a saber: a de profeta e sacerdote, quanto ao primeiro, e a de rei, quanto ao segundo) se reconhecessem n'Ele por direito de nascimento; e completa dizendo que a dignidade de rei é maior que a da natureza.

O mesmo autor observa, ainda, que, depois de Cristo, as nações foram governadas por Ele apenas, que é Juiz, Rei e Pontífice; pois assim como os antigos juízes, reis e pontífices não eram senão uma figura da dignidade de Cristo, cada uma dessas dignidades começou sempre por uma personagem, figura também de Cristo: o primeiro dos juízes, Josué, filho de Nave; o primeiro dos reis, Davi; e o primeiro pontífice, Josué, filho de Josedeque; nos quais ninguém duvida está prefigurado Cristo.⁴⁰

Santo Agostinho,⁴¹ escrevendo sobre o significado das catorze gerações mencionadas no Evangelho,⁴² nos lembra, antes de tudo, que Mateus “havia proposto apresentar-nos Cristo como Rei” e explica, depois, que o número de “quarenta homens na série das gerações [...] significa o tempo em que, neste mundo, devemos ser governados por Cristo com disciplina severa, a qual é indicada por aquela vara de ferro de que falam os Salmos: *Tu as governarás com vara de ferro* (Sl 2,9)”.

Orígenes⁴³, comentando aquela passagem do Evangelho em que São Mateus descreve o modo como se deu a geração de Jesus

39. PSEUDO-CRISÓSTOMO, *Opus imperfectum super Matthaeum*, hom. 1, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 1, l. 1. Para esta e todas as demais citações extraídas da *Catena Aurea*, utilizamos como base a seguinte tradução: AQUINO, Santo Tomás de. *Catena Aurea: exposição contínua sobre os evangelhos*. Tradução de Fabio Florence, Felipe Denardi, Leonardo Serafini Penitente, Ricardo Harada, Roberto Mallet e Ronald Robson. Campinas: Ecclesiae, 2018. v. 1. “Pseudo-Crisóstomo” é a designação usada para os autores anônimos de textos falsamente atribuídos a João-Crisóstomo (c. 347-407), que foi um importante Padre da Igreja Primitiva que serviu como arcebispo de Constantinopla.

40. PSEUDO-CRISÓSTOMO, *Opus imperfectum super Matthaeum*, hom. 1, apud Tomás de Aquino, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 1, l. 17.

41. SANTO AGOSTINHO, *De consensu evangelistarum*, 2,4, apud Tomás de Aquino, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 1, l. 8.

42. Cf. Mt 1, 17.

43. ORÍGENES, *Homilia inter collectas ex variis locis*, apud Tomás de Aquino, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 1, l. 9.

Cristo⁴⁴, refere-se à Virgem Maria como “a mãe do Senhor, Unigênito de Deus, do Rei Universal, do Criador de tudo e Redentor de todos”.

São Gregório Magno⁴⁵, comentando outra passagem do mesmo evangelista, que retrata a turbacão causada no rei Herodes e em toda a cidade de Jerusalém ao se ouvir a notícia de que o rei dos judeus acabara de nascer,⁴⁶ explica que: “Ao aproximar-se o Rei do céu, turba-se, pois, o rei da terra; porque não é de admirar que a grandeza da terra se confunde quando a altura do céu se revela”. E, completa Pseudo-Crisóstomo,⁴⁷ dizendo que: “Cada um é atormentado por uma inveja diferente, e ambos temem um sucessor; Herodes, um rei da terra; Satanás, o Rei do céu”; e os dois, portanto, a Cristo-Rei.

Ademais, como bem observou o mesmo autor, a estrela que os magos tinham visto no Oriente ia adiante deles, “para que, vendo a deferência da estrela, compreendessem que ela indicava a dignidade real”;⁴⁸ e quando viram novamente a estrela, ficaram possuídos de grandíssima alegria, pois “o mistério da estrela lhes havia feito compreender que a dignidade do Rei que havia nascido excedia a medida daquela de todos os reis mundanos”⁴⁹.

E, abrindo os seus tesouros, “oferece-se-lhe o ouro como a um grande rei, queima-se o incenso em sua presença como diante de Deus, e oferece-se-lhe a mirra como Àquele que haveria de morrer pela salvação de todos”⁵⁰, como diz Santo Agostinho. O ouro, portanto, corresponde à Sua realeza; o incenso, à Sua divindade; e a mirra, ao Seu martírio.

44. Cf. Mt 1, 18.

45. SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Homiliae in evangelia*, 10, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 2, l. 2.

46. Cf. Mt 2, 3.

47. PSEUDO-CRISÓSTOMO, *Opus imperfectum super Matthaeum*, hom. 2, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 2, l. 2.

48. PSEUDO-CRISÓSTOMO, *Opus imperfectum super Matthaeum*, hom. 2, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 2, l. 4.

49. PSEUDO-CRISÓSTOMO, *Opus imperfectum super Matthaeum*, hom. 2, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 2, l. 5.

50. SANTO AGOSTINHO, *In sermonibus de Epiphania*, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 2, l. 5.

Deve-se notar, ainda, como bem o fez Remígio de Auxerre⁵¹, que “cada um dos três [magos] não apresenta por si, separadamente, um dos três presentes, mas cada um oferece os três, proclamando assim o rei, o homem e Deus”, ou seja, a realeza, a divindade e a humanidade de Cristo, conjuntamente.

Em comentário à outra passagem do Evangelho, Pseudo-Crisóstomo⁵² observa que “[João] o Batista se apresenta desde o primeiro momento como o embaixador de um rei benigno, prometendo perdão sem proferir ameaças”⁵³. E, quando o profeta diz que está próximo o “reino dos céus”, esta expressão, segundo Remígio de Auxerre⁵⁴, tem quatro significados. Primeiro, significa Jesus Cristo. Segundo, a Sagrada Escritura. Terceiro, a Santa Igreja. Quarto, o trono celestial. E, mais adiante, o monge beneditino ressalta que Jesus apresentou-se a João como “Deus ao homem, o Senhor ao servo, o Rei ao soldado, a luz à lâmpada”.

Há, ainda, outro fato que revela a realeza de Cristo: “Todo rei que há de pelejar contra seu inimigo primeiro reúne seu exército e, assim, marcha em direção à luta. Assim também o Senhor, quando havia de combater o demônio, primeiro reuniu Seus apóstolos, e assim, começou a pregar o Evangelho”⁵⁵, para utilizar uma comparação feita por Pseudo-Crisóstomo.

Em suas Cartas, Santo Agostinho⁵⁶ mostra que o terror das leis – por cuja promulgação os reis servem a Deus no temor – foi de tal modo útil que, depois, alguns exortavam os reis a servirem a Cristo e a promulgarem leis em Seu favor.

51. REMÍGIO DE AUXERRE, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 2, l. 5.

52. REMÍGIO DE AUXERRE, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 3, l. 6.

53. PSEUDO-CRISÓSTOMO, *Opus imperfectum super Matthaeum*, hom. 3, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 3, l. 1.

54. REMÍGIO DE AUXERRE, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 3, l. 5.

55. PSEUDO-CRISÓSTOMO, *Opus imperfectum super Matthaeum*, hom. 8, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 4, l. 8.

56. SANTO AGOSTINHO, *Epístolas*, 93, 17, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia: Expositio in Matthaeum*, cap. 13, l. 4.

São Jerônimo⁵⁷, comentando sobre o pagamento de tributo⁵⁸, diz que nosso Senhor não devia impostos aos reis da terra porque “era filho de Rei, seja segundo a carne, seja segundo o espírito, posto que descendia da estirpe de Davi e era o Verbo do Pai onipotente”, embora os tivesse pago para não escandalizar os cobradores de impostos.

Orígenes⁵⁹, comentando a parábola do credor incompassivo⁶⁰, diz que o “Filho de Deus, assim, como é sabedoria, justiça e verdade, também é Ele mesmo o Reino”, e que o “reino dos céus, ou seja, o Filho de Deus, quando foi feito à semelhança da carne de pecado, foi feito então semelhante ao homem rei, unindo o homem a Si”. E, Remígio de Auxerre⁶¹ completa, dizendo que, ali, a palavra “homem” aplica-se aos dois: “Ao Pai e ao Filho, que são um só Deus”, e a Deus se chama de Rei, “porque dirige e governa tudo o que criou”, e “designam-se por servos deste homem rei a todos os homens, aos quais criou para que o louvassem, aos quais deu a lei da natureza”. Estes são, em suma, os principais comentários dos Padres da Igreja ao Evangelho de São Mateus, referentes à Realeza de Cristo, que foram compilados pelo Aquinate.

2.4 A REALEZA SOCIAL DE CRISTO SEGUNDO A DOUTRINA DOS GRANDES DOUTORES MEDIEVAIS

Em seguida, devemos tratar dos fundamentos doutrinários da realeza social de Cristo segundo os ensinamentos dos grandes Doutores medievais. Primeiro, segundo São Boaventura (1221-1274). Depois, segundo Santo Tomás de Aquino (1225-1274).

E, sobre os fundamentos da realeza social de Cristo na doutrina de São Boaventura, encontramos-os expressos em diversas passagens

57. SÃO JERÔNIMO, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia*: Expositio in Matthaem, cap. 17, l. 7.

58. Cf. Mt 17, 24-27.

59. ORÍGENES, *Homilia 6 in Matthaem*, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia*: Expositio in Matthaem, cap. 18, l. 7.

60. Mt 18, 23-35.

61. REMÍGIO DE AUXERRE, apud TOMÁS DE AQUINO, *Catena aurea in quatuor Evangelia*: Expositio in Matthaem, cap. 18, l. 7.

de sua *Lignum vitae*, especialmente quando o Doutor Seráfico, escrevendo sobre a filiação real de Jesus, diz que:

A glória e a nobreza do reino eterno de Deus se há de avaliar pela grandeza do soberano, já que o rei não depende do reino, senão que o reino deriva do rei. Na veste e à ilharga o nosso monarca leva escrito: *Rei dos Reis e Senhor dos senhores. Eterno é o seu poder*; o cetro jamais lhe será arrebatado, nem seu reino será destruído; tribos, povos e línguas lhe servirão para sempre. *Ele é o Rei pacífico, cujo rosto desejam contemplar os céus e a terra.* – Oh! quão glorioso é o reino deste rei excelentíssimo, no qual com ele reinam todos os justos. São suas leis: verdade, paz, caridade, vida, imortalidade. Não o divide a participação dos governantes. Não lhe causa contusão a numerosidade, nem o desordenam as desigualdades; não está circunscrito geometricamente. Não o transmudam revoluções. Não o mede o tempo.⁶²

E, sobre os fundamentos da realeza social de Cristo na doutrina de Santo Tomás de Aquino, encontramos-os expressos em seu *De regno*⁶³, quando, por exemplo, tratando acerca do melhor regime político, diz que:

Tal regime [...] pertence àquele rei que não só é homem, mas também Deus, a saber, Nosso Senhor Jesus Cristo, que, tornando os homens filhos de Deus, os introduziu na glória celestial. Este, pois, é o regime que lhe foi dado e que não se corromperá, razão por que se lhe chama nas Sagradas Escrituras não só sacerdote, mas também rei, no dizer de Jeremias [23, 5]: “Reinará um rei, e será sábio”.

Aliás, nessa obra, encontram-se as duas doutrinas que, como diz o professor Carlos Nougué⁶⁴, fazem dela o escrito fundamental da

62. SÃO BOAVENTURA, *Lignum vitae*, III, 45.

63. TOMÁS DE AQUINO, *De regno ad regem Cyprì*, lib. 1, cap. 15.

64. NOUGUÉ, Carlos. *A pólis em ordem a Deus*. In: TOMÁS DE AQUINO. *Do reino e*

Política católica. Uma, segundo a qual o homem (e, por conseguinte, a comunidade política) tem um único fim último, a saber: Deus mesmo, estando os demais para ele como fins intermediários ou meios. Outra, segundo a qual o Estado (ou seja, o poder temporal ou civil) ordena-se *essencialmente* (e não *per accidens*) à Igreja (ou seja, ao poder espiritual ou eclesiástico).

Mas, conforme veremos mais adiante, os principais fundamentos dessa doutrina encontram-se expressos no Sermão *Ecce Rex tuus venit*. E, como a estrutura é aquilo que dá sustentação a um edifício, para bem compreendermos a doutrina tomista do reinado social de Cristo neste sermão, é preciso conhecer, antes, os elementos que o compõem. Por conseguinte, devemos tratar da estrutura do sermão escolástico, comumente conhecido como *sermão moderno*.

3 – BREVE EXPLICAÇÃO SOBRE A ESTRUTURA DO SERMÃO ESCOLÁSTICO: UM ESTILO MODERNO DE PREGAÇÃO

3.1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na Escolástica, as atividades de um *Magister in Sacra Pagina*, como Santo Tomás, se resumiam em três exercícios: *legere* (“comentar” os livros da Sagrada Escritura), *disputare* (“debater” academicamente os problemas teológicos) e *praedicare* (“pregar”, ou seja, comunicar aos outros o que sabe). Destas três atividades, a pregação era considerada como que o coroamento de todo o ensino teológico.

Pedro, o Cantor (1130-1197)⁶⁵, que foi mestre em teologia em Paris, e eloquente pregador medieval, utiliza-se da alegoria do edifício para fazer compreender o importantíssimo valor reconhecido à pregação: “A *lectio* é como o fundamento [...]. A *disputatio* é como a parede

outros escritos. São Luis: Livraria Resistência Cultural Editora; Santo André: Armada, 2017, p. 15-16.

65. PEDRO, O CANTOR, *Verbum abbreviatum*, cap. 1 (PL 205, 25A): “*Lectio autem est quase fundamentum [...]. Disputatio quase paries est in hoc exercitio et aedificio [...]. Prædicatio vero, cui subserviunt priora, quase tectum est tegens fideles ab æstu, et a turbine vitiorum*”.

neste exercício e edifício [...]. Enquanto a *predicatio*, que se serve das primeiras, é como o teto que protege os fiéis do ardor e do turbilhão dos vícios”. Eis aí a grande importância do *opus prædicationis* para o mundo medieval.

Nessa época, embora os compromissos didáticos do mestre em teologia consumissem muito tempo, sua atividade pastoral – isto é, como pregador – era considerada uma obrigação⁶⁶ e, até mesmo, um corolário natural da sua atividade científica⁶⁷. O *magister in sacra pagina* tinha, como explica Carmelo Pandolfi⁶⁸, uma comunidade muito específica, de cuja pastoral era responsável, qual seja: a Igreja-universidade, que foi primeiro uma comunidade de crentes, e depois um lugar de estudos.

As rubricas dos sermões escolásticos permitem identificar, por vezes, a que grupos eles se dirigiam. Há sermões pronunciados *coram universitate* (“diante dos mestres e estudantes universitários”), como é

66. O jovem teólogo, como explica Carmelo Pandolfi, comprometia-se solenemente a realizar duas *collationes* (ou um *sermo* e uma *collatio*) na universidade. Uma vez professor, ele não estava isento de pregar. De acordo com os estatutos da universidade, quatro mestres regentes atribuíam os sermões aos outros para serem proferidos durante o ano. Se o professor designado não pudesse cumprir esta obrigação, ele deveria ser substituído por outro professor. PANDOLFI, Carmelo. Introdução generale. In: S. TOMMASO D’AQUINO. *I Sermoni* (Sermones) e *le due Lezioni Inaugurali* (Principia). Bolonha: Edizioni Studio Domenicano, 2003, p. 10. A obrigação de pregar, como ressalta Jean-Pierre Torrell, não se limitava aos domingos, mas estendia-se aos dias de folga da faculdade de teologia; neste caso, a pregação se dava com os mestres mendicantes, tanto os Frades Menores como Frades Pregadores. Para os mestres mendicantes, uma cláusula especial previa que eles deveriam fazer o sermão matinal *coram universitate* em uma casa de sua Ordem; além disso, eles também tinham que manter o *collatio* nas vésperas; mas se o sermão da manhã fosse proferido em outro lugar, eles não estavam vinculados a esta obrigação. TORRELL, Jean-Pierre. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra*. Tradução: Luiz Paulo Rouanet e Nicolás Campanário. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2021, p. 76-77.

67. Pois, como adverte Pedro, o Cantor, só se pode ascender à pregação depois de ter feito um comentário sobre a Sagrada Escritura e depois de ter resolvido os problemas teológicos por meio do método da disputa: “Post lectionem igitur sacrae Scripture, et dubitabilium, per disputationem, inquisitionem, et non prius, prædicandum est”. (“É, portanto, após o comentário à Sagrada Escritura, e a inquisição das incertezas através do debate, e não antes, que devemos pregar”). PEDRO, O CANTOR, *Verbum abbreviatum*, cap. 1 (PL 205, 25A-B).

68. PANDOLFI, Carmelo. Introdução generale. In: S. TOMMASO D’AQUINO. *I Sermoni* (Sermones) e *le due Lezioni Inaugurali* (Principia). Bolonha: Edizioni Studio Domenicano, 2003, p. 10.

o caso do Sermão *Ecce Rex*, de Santo Tomás; sermões proferidos diante do papa e da cúria romana; sermões pregados diante do rei, da rainha e da família real; sermões para religiosos (monges, frades e monjas), muitos dos quais eram pregados *in capitulo* (“na sala do capítulo”) e *in capitulo de mane* (“na sala do capítulo de manhã”), pronunciados depois da oração do Ofício Divino; e, também, sermões pronunciados *coram populo* (“diante do povo”).

Os sermões acadêmicos, por sua vez, eram pregados em série ou ocasionalmente. A maioria dos sermões ocasionais era proferida em Paris, diante da universidade, e geralmente dividia-se em três partes: *Prothema* (“Prólogo”), *Sermo* (“Sermão” propriamente dito) e *Collatio in sero* (“Colação da Noite”). De acordo com a liturgia, o *prothema* e o *sermo* eram proferidos pela manhã, por ocasião da Missa, logo após a leitura do Evangelho; e o *collatio in sero* era ministrado no final da tarde, durante as vésperas.

É bem provável que boa parte dos sermões acadêmicos de Santo Tomás tenha sido pregada em *Saint Jacques*, a casa dos dominicanos em Paris, o que significa dizer que o público ao qual se dirigiam consistia principalmente de outros frades (irmãos dominicanos de Santo Tomás e franciscanos), colegas e alunos clericais.

Talvez, o estilo dos sermões do Aquinate seja um pouco estranho para os dias de hoje. Mas, na verdade, ele era totalmente “revolucionário”⁶⁹ para sua época. Por isso, esse estilo de pregação ficou conhecido como “sermão moderno” (*sermo modernus*), em contraposição ao que lhe deu origem, o “sermão antigo” (*sermo antiquus*), tornando-se muito popular nos séculos XII e XIII.

A principal diferença entre um e outro é que, enquanto o estilo “moderno” fazia uso de um breve *thema* ou versículo bíblico em torno do qual o sermão era construído, o estilo “antigo” envolvia um comen-

69. Sobre a chamada “Revolução Homilética” do século XIII, cf. MURPHY, James Jerome. *La retórica en la Edad Media: Historia de la teoría de la retórica desde San Agustín hasta el Renacimiento. Traducción de Guillermo Hirata Vaquera*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986, p. 317.

tário, versículo por versículo, sobre toda a leitura do Evangelho do dia⁷⁰. Eis aí a característica definidora do sermão moderno: o seu *thema*.

3.2 – *THEMA*: O VERSÍCULO BÍBLICO DE ABERTURA DO SERMÃO

Como aponta Michèle Mulcahey⁷¹ em seu trabalho sobre a educação dominicana antes de 1350: “O tema [isto é, o *thema*] de um *sermo modernus* era frequentemente comparado pelos autores de manuais de pregação à raiz da árvore, que era o sermão, ou similarmente era o tronco do qual brotavam os vários ramos”. Tratava-se, portanto, de um versículo bíblico a partir do qual o sermão ganhava corpo e forma.

De acordo com a professora de Estudos Manuscritos do Pontifício Instituto de Estudos Medievais: “Este versículo às vezes era tirado das leituras litúrgicas do dia, ao que parece, mas eles também eram tirados de qualquer outro lugar das Escrituras se a ocasião o justificasse, independentemente de a passagem ser das leituras litúrgicas do dia ou não”⁷². Santo Tomás, geralmente, tirava o *thema* de seus sermões da leitura do lecionário do dia, quando pregava nas missas dominicais, mas se permitia, também, tirá-lo de outro lugar das Sagradas Escrituras em dias festivos especiais, como no Dia de Todos os Santos, ou na festa de um santo em particular, como São Nicolau⁷³. Nas versões escritas, o *thema* geralmente aparece no

70. Cf. WALEYS, Thomas. *De modo componendi sermones*. In: CHARLAND, Thomas-Marie. *Artes praedicandi: contribution à l’histoire de la rhétorique au Moyen Âge*. Paris/Ottawa: Librairie philosophique J. Vrin/Institut d’études médiévales d’Ottawa, 1936, p. 325-404. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1866/23026>. Acesso em: 14 jan. 2022. MULCAHEY, Marion Michèle. *“First the Bow is Bent in Study”: Dominican Education before 1350*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1998. SMITH, Randall B. *Reading the Sermons of Thomas Aquinas: A Beginner’s Guide*. Steubenville: Emmanus Academic, 2016. Disponível em: <https://cutt.ly/GOByrsC>. Acesso em: 14 jan. 2022.

71. “The theme of a *sermo modernus* was often likened by the authors of preaching manuals to the root of the tree which was the sermon, or similarly it was the trunk from which sprang the various branches”. MULCAHEY, op. cit., p. 404-405.

72. “This verse was sometimes taken from the liturgical readings for the day, it seems, but they were also taken from anywhere else in the Scriptures if the occasion warranted it, regardless of whether the passage was from the liturgical readings for the day or not”. *Ibid.*, p. 404.

73. Cf. Smith, op. cit., 2016.

topo da página, dando a entender que este seria o assunto da pregação, ou seja, o versículo bíblico a partir do qual o pregador começaria a desenvolver as ideias contidas nele.

Porém, após o anúncio do *thema*, segue-se frequentemente (mas nem sempre) algo conhecido como *prothema*: uma passagem introdutória que serve de prólogo para uma oração de abertura da pregação.

3.3 – *PROTHEMA*: A INTRODUÇÃO DO SERMÃO

Como observa Randall Smith⁷⁴, em seu guia de leitura dos sermões de Santo Tomás de Aquino, “enquanto o verso do *thema* é sempre retirado de alguma passagem da Bíblia, o *prothema* é geralmente construído em torno de um verso separado a partir da Bíblia”. E, completa o professor de teologia da Universidade de St. Thomas, em Houston, que “no caso de uma introdução mais curta, o conteúdo pode estar associado a uma citação de um dos Padres ou, em alguns casos, até mesmo de um autor pagão”, como Aristóteles.

Assim, por exemplo, após a declaração do *thema* no Sermão *Ecce Rex*, tirado de Mateus 21, 5 (“Eis que o teu Rei vem a ti, manso”), Santo Tomás cita imediatamente outro versículo bíblico, tirado do Salmo 137 [138], 14 (“maravilhosas são as tuas obras”).

O *prothema* tinha, basicamente, duas funções: (1) servir de dispositivo mnemônico estruturante do sermão⁷⁵; e (2) ajudar o pregador a marcar o tempo enquanto esperava os retardatários chegarem à Missa e se acalmarem⁷⁶.

Normalmente, o *prothema* não é a introdução do tema do sermão, mas, sim, a estrutura em que o sermão é pregado. No Sermão *Ecce Rex*,

74. “And while the *thema* verse is always taken from the Bible, the *prothema* is generally built around a separate verse from the Bible, but in the case of a shorter introduction, the content might be associated with a quotation from one of the Fathers or, in some cases, even one from a pagan author”. *Ibid.*

75. Sobre a função do *prothema* como dispositivo mnemônico estruturante do sermão, cf. SMITH, Randall B. *How to Read a Sermon by Thomas Aquinas*. Nova et Vetera, Ypsilanti, v. 10, n. 3, p. 775-803, 2012.

76. Mulcahey, op. cit., p. 406.

Santo Tomás sublinha, por exemplo, “a grandeza da Encarnação” quando contempladas as maravilhas das obras divinas.

O *prothema* geralmente termina com uma oração, pedindo ajuda e inspiração divina: “peço ao Senhor que me dê algo para dizer”, ou alguma coisa assim. Porém, neste sermão, o secretário de Santo Tomás não anotou a oração completa. Ele se contentou apenas em transcrever algumas palavras com “et cetera”.

Após o *prothema*, segue-se respectivamente o *sermo* e o *colatio in sero*: as duas partes do sermão em que o versículo da Sagrada Escritura é decomposto em partes para melhor torná-lo compreensível ao público.

3.4 – *SERMO*: A EXPOSIÇÃO DO VERSÍCULO DA ESCRITURA

O *sermo* é o sermão propriamente dito. Concentra-se, principalmente, na segunda metade do versículo, destacando um ou alguns outros aspectos do mesmo tema, como “as quatro vindas de Cristo-Rei”, no Sermão *Ecce Rex*.

No início do *sermo*, Santo Tomás conta ao público quais os passos que vai dar. Normalmente, ele também o faz no *collatio in sero*. O sermão (ou, às vezes, o *sermo* e o *collatio in sero* individualmente) costuma ser dividido em três ou quatro partes, que, por sua vez, se subdividem em outras três ou quatro subpartes e, assim, sucessivamente. Por causa disso, a estrutura do texto nem sempre fica clara à primeira vista. Daí a necessidade de numeração dos parágrafos, tal como indicado por Santo Tomás na estrutura dos seus sermões.

Com todos esses esclarecimentos em mente, podemos dizer, seguindo o resumo de Randall Smith⁷⁷, que a estrutura básica do sermão moderno era mais ou menos assim:

- A) Primeiro, obtemos a “declaração do *thema*” de abertura.
- B) Em seguida, geralmente obteremos alguns comentários introdutórios e, em alguns casos (mas nem sempre), um *prothema* com seu próprio verso estruturante, sua própria “declaração de partes” e uma invocação à oração.

77. Smith, op. cit., 2016.

C) Em seguida, voltamos a uma reafirmação do tema bíblico de abertura e o que é chamado de “declaração das partes”, em que o autor divide o versículo do *thema* original em duas, três ou quatro partes, que servirão para estruturar os comentários do pregador a seguir.

D) Finalmente, o pregador irá expandir ou “dilatatar” (*dilatatio* em latim) cada uma dessas partes, mantendo a ordem de sua apresentação clara, continuando a retornar às palavras do tema bíblico de abertura.

Analisemos, então, rapidamente, a estrutura do Sermão *Ecce Rex*. Primeiro, Santo Tomás declara o *thema* de abertura, que neste caso é tirado de Mateus 21,5: *Ecce rex tuus venit tibi mansuetus* (“Eis que o teu Rei vem a ti, manso”).

Depois, ele traz um *prothema* com seu próprio verso estruturante, que no caso é tirado do Salmo 137 [138],14: *mirabilia opera tua* (“maravilhosas são as tuas obras”); e uma invocação à oração: *rogabimus dominum ut ipse det mihi aliquid dicere* (“rogamos ao Senhor que ele mesmo me dê algo a dizer”).

Em seguida, ele volta à declaração do *thema* bíblico de abertura, e divide o versículo do *thema* original em quatro partes que servirão para estruturar os comentários dele em seguida. A primeira, designada pelo advérbio *ecce* (“eis”). A segunda, pela expressão *rex tuus* (“teu Rei”). A terceira, por *venit tibi* (“vem a ti”). E, a quarta, pelo adjetivo *mansuetus* (“manso”).

Por fim, ele expande ou “dilata” cada uma dessas quatro partes e retorna às palavras do *thema* bíblico de abertura.

3.5 – *COLLATIO IN SERO*: A CONTINUAÇÃO DO SERMO

O *collatio in sero* é a continuação do *sermo*, geralmente um pouco mais curta do que este. No início do *collatio in sero*, o pregador se refere brevemente ao que disse pela manhã. E, na maioria das vezes, ele segue exatamente o plano previamente anunciado.

Onze dos vinte e um sermões autênticos de Santo Tomás têm um *collatio in sero*. Esse termo típico do vocabulário medieval foi tra-

duzido como “Colação da Noite”, pois nada mais é do que a extensão do sermão matinal ao entardecer.

Este *collatio* tem como antecedente histórico os *Collationes* de São João Cassiano, uma coleção de conferências espirituais desse monge que viveu entre os séculos IV e V e que alimentou gerações inteiras de cristãos durante a Idade Média.

No entanto, o *collatio in sero* que nos interessa aqui foi introduzido como prática universitária apenas em 1231, pelo Beato Jordão da Saxônia. Este último, como Mestre Geral da Ordem Dominicana, prescreveu aos domingos e feriados, especialmente para os alunos da faculdade de teologia⁷⁸.

Analisemos, então, o conteúdo de cada uma dessas três partes no Sermão *Ecce Rex tuus venit*, de Santo Tomás de Aquino.

4 – EXPOSIÇÃO RESUMIDA DAS PARTES DO SERMÃO EIS O REI: DO PRÓLOGO À COLAÇÃO DA NOITE

4.1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Sermão *Eis o Rei*, seguindo o estilo dos sermões acadêmicos, compõe-se de três partes. A primeira, o *Prólogo*, trata da grandeza da encarnação. A segunda, o *Sermão* propriamente dito, aborda as quatro vindas de Cristo-Rei. A terceira e última, a *Colação da noite*, versa sobre o amor e a mansidão d’Aquele que vem.

Trata-se de um sermão autêntico⁷⁹, onde Santo Tomás de Aquino, partindo-se da leitura do Evangelho segundo São Mateus onde se

78. PANDOLFI, Carmelo; CARBONE, Giorgio Maria. Premessa. In: S. TOMMASO D’AQUINO. *I Sermoni (Sermones) e le due Lezioni Inaugurali (Principia)*. Bolonha: Edizioni Studio Domenicano, 2003, p. 38-39.

79. Cf. TORRELL, Jean-Pierre. Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra. Tradução: Luiz Paulo Rouanet e Nicolás Campanário. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2021, p. 386.

descreve a entrada triunfante de Jesus em Jerusalém⁸⁰, expõe de forma completa, embora simples, a doutrina da realeza social de Cristo. Trata-se, na verdade, de um sermão escrito para o primeiro domingo do Advento, como que preludivando a Encíclica *Quas primas*, de Pio XI, que instituiu oficialmente a Festa de “Cristo-Rei”⁸¹, com a peculiaridade de tê-la fixado para antes do início do ano litúrgico.

4.2 – PRIMEIRA PARTE: O PRÓLOGO

Na Primeira Parte do Sermão, Santo Tomás trata da grandeza da Encarnação quando comparada com as demais obras divinas. Embora todas as obras de Deus sejam maravilhosas, diz o *Doctor Catholicus*⁸² que nenhuma delas supera a vinda de Cristo na carne. Pois, se em suas outras obras Deus imprimiu sua imagem na criatura, na obra da Encarnação ele impressionou a si mesmo e se uniu à natureza humana através da unidade de sua pessoa, o que significa dizer que uniu a nossa natureza a si mesmo⁸³. Trata-se, ademais, de uma obra suprarracional (*est omnino supra rationem*), ou seja, que não pode ser conhecida pela luz natural da razão, mas somente com o auxílio da luz sobrenatural da fé.

Do prólogo do *Sermão Eis o Rei*, bem como do *Tratado do Verbo Encarnado*⁸⁴ e da *Questão disputada sobre a união do Verbo encarna-*

80. Mt 21, 5: “*Dicite filiae Sion: Ecce rex tuus venit tibi mansuetus, sedens super asinam, et pullum filium subiugalis*”.

81. Em 1969, o Papa Paulo VI revisou o nome da festa, dando-lhe o atual título de *Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo*, e transferiu a data de sua celebração para o último domingo do ano litúrgico.

82. Dentre os títulos atribuídos a Santo Tomás, destaca-se o de *Doctor Catholicus*, cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiæ*, Ia, pr.

83. TOMÁS DE AQUINO, *Sermo Ecce Rex*, pars 1: “*Multa sunt mirabilia divinorum operum. Psalmus: mirabilia opera tua. Sed nullum opus Dei est ita mirabile sicut adventus Christi in carnem, et est ratio quia in aliis Dei operibus Deus impressit suam similitudinem creaturae, sed in opere incarnationis impressit Deus seipsum et univit se naturae humanae in unitate personae vel univit nostram naturam sibi; et ideo cum alia Dei opera non sint perfecte scrutabilia, illud opus, scilicet incarnationis, est omnino supra rationem*”.

84. Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiæ*, IIIa, q. 1-26.

-do⁸⁵ podem extrair-se as linhas mestras do pensamento tomista sobre o mistério da Encarnação, ou seja, como se realizou a união das duas naturezas, divina e humana, na única pessoa de Cristo. As questões 35 e 36 daquela mesma parte da *Summa* trazem, ainda, algum enriquecimento acerca dessa matéria, quando Santo Tomás trata, respectivamente, da natividade de Cristo e de sua manifestação⁸⁶. É, contudo, um texto mais teológico (e, também, filosófico) do que propriamente político.

Ora, o fim da Encarnação é exercer Sua realeza sobre a humanidade. Para isso Ele nasceu e para isso Ele veio ao mundo, como se lê nas Sagradas Escrituras⁸⁷. Depois, então, de ter considerado sobre a grandeza da Encarnação, o *Magister in Sacra Pagina* trata, em seguida, das quatro vindas de Cristo-Rei.

— ***Demais itens e referências bibliográficas encontram-se na parte 2 deste artigo (próxima edição)***

85. TOMÁS DE AQUINO, *Quaestio disputata de unione Verbi incarnati*, a. 1-5.

86. Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, IIIa, q. 35 e 36.

87. Jo 18, 37.

* Menção Honrosa - Trabalho de Conclusão de Curso da Pós Graduação em Doutrina Social da Igreja e Ordem Social da Faculdade Pio XII/Centro Anchieta. Orientação: Igor Awad Barcellos (Prof. Faculdade Pio XII. Mestre em Filosofia. Advogado).

** Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pós-graduando em Doutrina Social da Igreja e Ordem Social pelo Centro Anchieta, em parceria com a Faculdade Pio XII. Especialista em Direito Tributário e Processo Tributário pela Faculdade de Direito de Vitória (2018). Advogado.

E-mail: wilson_coimbra@hotmail.com